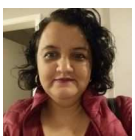
Revista Espaço Acadêmico – n. 218 – set./out. 2019 – bimestral
ANO XIX – ISSN 1519.6186

Cidades contadas:
enunciações, caminhadas e experiências urbanas

CRISTINA MARIA DA SILVA
(Org.).*

"Onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia."
Certeau, 2009, p. 197.

Fonte: Foto da autora, Maputo 11 de setembro 2019.



* **CRISTINA MARIA DA SILVA** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP. Pós-doc em Antropologia UNICAMP, 2010. Pós-doc em Letras PUC-MG, 2019. Professora Associada do Departamento de Ciências Sociais-UFCE. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos. E-mail: crimasbr@gmail.com. http://rastrosurbanosufc.blogspot.com/

O presente Dossiê intitulado *Cidades Contadas: Enunciações, Caminhadas e Experiências Urbanas* surgiu, inicialmente, após a realização de Seminário de Integração Curricular das Ciências Humanas e Sociais no Instituto de Ciências Humanas e Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica – PUC-Minas, com o intuito de refletir sobre as noções de Cidade, no dia 06 de abril 2019.

Michel de Certeau no texto a *Invenção do Cotidiano*, retoma um trecho de Eneida de Virgílio que afirma: "Reconhece-se a deusa por seu passo." (Virgílio apud CERTEAU, 2009, p. 163). Não seria também por seus rastros? Nesse texto Certeau aborda que as caminhadas e os passos pelas cidades são enunciações. Essas se dão pelas regiões do verbalizado, do sonhado ou do andado e organizam os lugares. É um mapeamento metafórico delineado pelos trajetos que passam por aqui e não por lá, que seguem por ruas principais, mas criam com astúcias: becos, desvios, travessias, apontando outra geografia na cidade, uma "geografia de ações".

> Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um "suplemento" aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés as executam (CERTEAU, 2009, p. 183).

Assim, a cidade se dá pelos passos, mas penso que também se dá pelos rastros, o que é deixado no caminho, os restos, "os sinais", indícios, muitas vezes, negligenciáveis. (GINZBURG, 1989). Como metáforas os passos, gestos, palavras desenham cartografias que nos fazem conhecer como as experiências urbanas se espacializam. Uma metáfora em sua etimologia (do grego *metapherein- meta* (sobre, além)/ *pherein* (levar, transportar) é ser transportado para outro lugar, a possibilidade de transferência, ser levado a outro lugar. Não é a toa relembra Certeau (Ibidem) que os transportes coletivos na Atenas contemporânea são chamados *metaphorai.*

> Para ir para o trabalho ou voltar para casa, toma-se uma "metáfora" – um ônibus ou um trem. Os relatos poderiam igualmente ter esse belo nome: todo dia, eles atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frase e itinerários. São percursos de espaços (CERTEAU, 2009, p. 182).

O que a cidade enuncia é o que nos leva a outros lugares, é o que nos movimenta dentro de uma cidade. As "enunciações pedestres" sinalizam as escolhas e rotas da vida urbana. Caminhar em uma cidade está para o sistema urbano como o ato de enunciar está para a língua na reflexão de Certeau. Assim, os passos revelam como uma cidade se inventa. Nos pés dos que habitam uma cidade e por onde eles caminham ou não, revela-se uma bússula preciosa sobre os pertencimentos e os modos de se experimentar os espaços urbanos.

No contos de fada lembra Clarissa Estés, objetos mágicos têm a capacidade sensorial de transportar. Nuvens, folhas, mantos, escudos, chapéus, amuletos e tapetes são hábeis metáforas do corpo. Eles proporcionam a invisibilidade ou mesmo permitem ao corpo físico o vôo, "transportam as pessoas para o outro lado do rio ou do mundo." (ESTÉS, 2014, p.235).

Para Michel de Certeau os pés, o ato de caminhar são metáforas, podem ser tomados como primeira definição, como espaço de enunciação. Gestos e passos abrem rumos e direções, têm estilos e usos variados. As práticas subvertem o traço, os passos mesmos perdidos falam nos mapas urbanos.

> Os jogos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses "sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade", mas "não têm nenhum receptáculo físico." Elas não se localizam, mas são elas que espacializam" (CERTEAU, 2009, p. 163).

O modo como vemos uma cidade, revela também de qual lugar falamos. Há diferenças no olhar a cidade de cima ou embaixo. De cima, a ficção do controle, do olho que tudo vê, longe do contato com os corpos. Embaixo, "cessa a visibilidade", os corpos se encontram. Nessa espacialidade estão os caminhantes (habitantes, pesquisadores, escritores), pedestres, *Wandermänner*:

> cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um 'texto' urbano que escrevem sem poder lê-lo. Esses praticantes jogam com espaços que não se veem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo a corpo amoroso. Os caminhos que se respondem nesse entreçamento, poesias ignoradas de que cada corpo é um elemento assinado por muitos, escapam a legibilidade. (CERTEAU, 2009, p. 159).

Não é recente a vontade de ver a cidade do alto para de algum modo percrutar os seus segredos. Desde as pinturas medievais ou renacentistas já era possível perceber a tentativa de satisfazer o olhar através de uma visão panorâmica do alto da cidade. Trabalhadores nos tetos elevam as cidades aos céus, pondo à própria vida em risco, desde a Idade Média. Apesar das grandes transformações, "a cidade contemporânea está mais próxima da cidade medieval do que esta última da cidade antiga" (LE GOFF, 1998, p. 25).

Os trabalhos aqui apresentados tentam olhar a cidade de dentro, através de suas práticas, das restruturações urbanas, produções musicais, caminhadas, desenhos e paradas para melhor compreender seus movimentos. São perspectivas andarilhas pelos signos da cidade que se constrói embaixo, na qual os corpos do pesquisador e o da cidade se encontram e desvelam uma cidade metáforica. "Uma outra espacialidade", nas palavras de Michel de Certeau, "uma experiência 'antropológica', poética e mítica do espaço e a mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metáforica insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível." (CERTEAU, 2009, p. 159).

Se a cidade utópica é a instaurada na produção de um espaço próprio, ou uma organização racional para recalcar as poluições físicas, mentais ou políticas, no estabelecimento de um não tempo (sistema sincrônico, tornando opaca a leitura da história), criando lapsos na visibilidade, e pela criação de um sujeito universal e anônimo, a partir da gestão e da eliminação, no qual todo e qualquer desvio ou anormalidade é ocultado ou rejeitado; a cidade metáforica pode nos levar às combinações não programadas, não esperadas, "impossíveis de gerir", onde experiências florescem. (CERTEAU, Ibidem).

> (...) os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando aqui e não por lá), mas essas curvas em

> cheios ou vazios remente somente, como palavras, à ausência daquilo que passou. (CERTEAU, 2009, p. 163).

As "enunciações pedestres" nos indicam que a noção de cidade não pode ser vista como algo cristalizado, mas como motricidades, fazendo e refazendo os espaços, nem sempre tomados pelo poder e nem totalmente fáceis de gerir. Compreender a cidade, como algo que se conta, é olhar para seus movimentos, acompanhar seus ritmos e enunciados. Escutar seus passos e rastros, segui-la. Caminhar é experimentar o que ela dispõe em suas ruas, becos, paredes, passos, corpos e desejos diante das paisagens humanas. Parar, não menos importante, é uma modalidade de exploração e permanência nos lugares, é quando podemos observar, olhar, escutar, desenhar, escrever e ler. Parar é "parte do caminhar, como uma ação que continua querendo ser ainda nômade, uma longa pausa em um percurso que não pode parar." (CARERI, 2017, p. 7).

Em um projeto de extensão coordenado por mim: *Fotobiografias: uma Fortaleza que se conta em acervos fotográficos pessoais*, temos visto, no Poço da Draga em Fortaleza-CE, como a cidade se desenha como paisagem em fotografias. Com a equipe do Grupo de Estudos e Pesquisas Rastros Urbanos, buscamos refletir sobre como a partir de fotografias podemos desvelar as biografias individuais, mas também a biografia de uma cidade.

As fotografias, como metáforas do vivido, promovem aparições, evocam narrativas e acionam lembranças. Paisagens narrativas que nos contam sobre a cidade. Dessa experiência observamos que as cidades são contadas, elas não estão pré-determinadas por seus planos diretores e projetos administrativos. Elas são contada pelos passos de seus habitantes, por seus gestos, por suas recordações e como essas se expressam através das extensões de seus corpos: fotografias, vídeos, grafites, práticas e astúcias.

Aprendemos a caminhar dentro do Poço da Draga. Nossos passos e caminhos não são os mesmos dos que habitam o lugar. Uma vez esqueci minha agenda de trabalho na casa de uma das interlocutoras. No dia seguinte ela me disse que ainda foi atrás de mim, mas não me encontrou. No dia seguinte eu entendi o motivo. Para sair do Poço da Draga, nós, sobretudo os visitantes, usamos como rota de saída a rua principal Viaduto Moreira da Rocha. Ela, como outros habitantes do local, utilizam pequenos becos, bem estreitos, ou seja, atalhos entre as ruas próximas de suas casas e já saem na Avenida Almirante Tamandaré ao lado da Caixa Cultural Fortaleza.

O caminhar do visitante não é o mesmo do nativo. A confiança no caminhar exprime o domínio sobre o espaço em que pisamos. As rotas e os atalhos são frutos do conhecimento do espaço e do que com os pés podemos fazer com ele. Eles enunciam o pertencimento e o conhecimento do espaço andado e praticado. Por percebermos que os passos falam e constroem cartografias nos mapas já conhecidos, é que ao organizarmos o livro de Ivoneide Gois da Silva, *Territórios da Memória:* Poço da Draga, com seu álbum de fotografia sobre os mortos do lugar, optamos por criar um mapa, a partir dos espaços que são enunciados nas narrativas dos habitantes.

Em Moçambique em setembro desse ano, tive uma outra percepção sobre esse caminhar na cidade, quando desenvolvia um trabalho de pesquisa em Maputo. Fui conhecer a Feira de Artesanato, Flores e Gastronomia de Maputo-FEIMA. Para

entrar no espaço, caminhei mais de um quarteirão, contudo, ao precisar sair para retirar dinheiro em um caixa eletrônico, fui surpreendida por um outro trajeto. Maria, a jovem que estava me atendendo caminhou na frente e me disse: "Vamos!" Eu a segui, e na metade do caminho que eu fiz, ela entrou entre as plantas, saiu da calçada, entrou em um trecho de terra e saiu com um caminhar firme e seguro entre uma pequena fresta de uma floricultura na avenida principal. Em mais um momento percebi que a cidade que se escreve nos pés dos que nela habitam nunca é igual ao modo como caminha o visitante.

A partir da orientação do Conselho Editorial da Revista Espaço Acadêmico, decidimos não apenas inserir os trabalho apresentados no Seminário, mas abrimos uma chamada durante o mês de agosto e setembro para receber trabalhos que compartilhassem perspectivas próximas sobre experiências urbanas. Nesse sentido, nesse Dossiê apresentamos o resultado dessa chamada e diferentes abordagens sobre as cidades contemporâneas e o que elas nos contam em suas práticas e experiências. As cinco experiências de pesquisa aqui apresentadas são: um trabalho sobre Fortaleza-CE, dois trabalhos sobre Belo Horizonte, (que foram apresentados no Seminário citado) um trabalho sobre Recife-PE e um sobre Luanda-Angola.

Na escrita de *Desenhar (n)a cidade Caminhante,* Alice Dote, tece uma reflexão sobre o desenho como tática de pesquisa em antropologia urbana. Nas ruas de Fortaleza-CE, a autora se relaciona com os espaços da cidade pela caminhada, mas também pelos desenhos. Os desenhos são improvisações no movimento de caminhar, observação e descrição durante o trabalho de campo, mas também pausas dentro da deambulação urbana. O desenho é uma forma de seguir rastros, é uma "prática, relato e invenção do espaço, relacionando-o, ainda, ao caminhar e ao parar."

Caminhar deixa rastros e neles vamos percorrendo as experiências que se constroem na vida urbana. A Profa. Helen Abrantes, *em Mulheres e (es)passos urbanos* apresenta uma narrativa sensível do projeto *Calma, Clima* em Belo Horizonte, um coletivo que incentiva que as mulheres possam correr juntas na cidade, como uma forma das mulheres ocuparam o seu espaço da cidade. Helen de maneira criativa e emocionante percorre os inúmeros desafios diários das mulheres na vida cotidiana da cidade: a jornada, algumas vez tripla, entre a vida profissional, os afazeres domésticos e o cuidado com a família. Apesar das conquistas políticas, das leis de proteção, essas mulheres ainda precisam de vagões separados, não podem caminhar a noite, porque não conseguem sozinhas fugir dos assédios, das agressões físicas, das demandas familiares, algumas vezes sufocantes. Será que apesar das leis que criam vagões separados para as mulheres não sofrerem assédios nos trens, nas leis de proteção como a Maria da Penha, lei nº 11.340/2006, as mulheres estão de fato seguras e podem correr livremente pela cidade?

Entre uma palavra e outra, Helen a autora escreve respirando, há convites para a pausa. É preciso respirar! Será que na correria cotidiana, fugindo dos assédios, das agressões físicas, das demandas familiares, as mulheres conseguem esse tempo para respirar e serem o que desejam ser? Será que apesar das leis que criam vagões separados para as mulheres não sofrerem assédios nos trens, nas leis de proteção como a Maria da Penha, lei nº 11.340/2006, as mulheres estão de

fato seguras e podem correr livremente pelas cidades?

Jefferson Medeiros, apresenta sua reflexão sobre o álbum *Ladrão* do rapper de Belo Horizonte, Djonga. Jefferson nos levou a pensar em como através da letra do rapper, percebemos a linhas abissais de resgate de um lugar de emancipação na cidade. Da letra extraímos:

> "Eu vou roubar o patrimônio do seu pai. Dar fuga no Chevette e distribuir na favela
> Não vão mais empurrar sujeira pra debaixo do tapete
> E nem pra debaixo da minha goela, eu sou ladrão.!
> (....)
> Pronto para roubar o patrimônio do cuzão
> Que só se multiplica e ele não sabe dividir
> Se me vê no rolê, vem com crítica vazia
> Mano, ao invés de crescer tenta me diminuir."

Um ladrão pós-colonial? provoca Medeiros. Para ele, a letra de Djonga nos instiga a pensar em um outro mundo possível, para além das ausências. Um mundo de emergências, lembrando de Boaventura de Sousa Santos. Ainda nas palavras do rapper:

> "Ultrapassei essas barreiras ileso, porra!
> Vai pensando, os fiel da sua área falando espanhol
> Não só com a peita da Espanha
> As irmã de cabelo sararé criolo sem ser considerada estranha...."

De modo sensível, quando Jefferson Medeiros apresentou sua fala no Seminário da Puc-MG, ressaltou como a solidão da mulher negra na cidade é muito maior do que a da mulher branca. Na música de Djonga a sabedoria vem da avó negra, ela é que reúne a memória ancestral e a espiritualidade. Não é à toa que Gustavo Pereira decidiu gravar todo o álbum *Ladrão* dentro da casa de sua avó.

Qual o lugar da mulher negra na cidade, como ouvir suas vozes? A cidade e as experiências urbanas são diversas, mas como se dão os pertencimentos aos lugares e como esses corpos negros são acolhidos em seus diferentes pertencimentos na cidade? O rapper, nas palavras de Medeiros "sonha com a "irmã" negra com cabelo "sararé criolo" caminhando, sem que a sua caminhada seja considerada estranha ao seu território, que aqui se reveste de lugar".

No artigo *Contar e praticar:* percursos urbanos no Recife/PE, o autor Wendel da Costa problematiza percursos urbanos sobre a cidade do Recife, através do potencial narrativo presente em Gilberto Freyre, na fala dos moradores, nas suas caminhadas pela cidade e mesmo nos projetos urbanísticos. Uma cidade poética escapa nas errâncias por "lugares, cantos e espaços desconhecidos, não visitados por visitantes de fora, espaços cotidianamente praticados por aqueles 'de dentro.'"

Alberto Mafuani apresenta em seu texto reflexões sobre a prática da zunga, a venda ambulante, a partir das trajetórias de mulheres no distrito de Golfe, em Luanda-Angola. A zunga é uma atividade informal dessas mulheres que deambulam pela cidade, como uma forma de sobrevivência, evidenciando as ausência do Estado. O texto percorre alguns desses caminhos e traz imagens do trabalho dessas mulheres pela ruas.

Seguir passos e rastros é perceber que a caminhada "afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita...." (CERTEAU, 2009, p. 166). As trajetórias dos que habitam, observam,

escrevem e leem falam e fazem a cidade. O ato de falar constrói cidades, como espaços narrados, ler possibilita-nos reinventá-las. Caminhar é o modo como todo os seres vivos habitam a terra, cada ser produz seu próprio movimento, que não é necessariamente linear, mas em feixes de linhas, como reflete Ingold. Assim, ser "não é estar *em* um lugar, mas estar ao longo de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se." (INGOLD, 2015, p. 38). Os leitores são convidados a mergulhar nesses fragmentos de trajetórias (do latim *trajectore*, aquilo atravessa) para encontrarem neles pedaços de si e de suas próprias experiências em suas cidades.

Referências

CARERI, F. *Caminhar e Parar.* São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CERTEAU, M. D. Práticas de Espaço. Caminhadas pela Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano.* Artes de Fazer. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos*: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GINZBURG, C. *Mitos, Emblemas, Sinais:* morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, M.I.G. *Territórios da Memória:* Poço da Draga. 1ª ed. Fortaleza-CE: Printi-Gráfica rápida online, 2019.

INGOLD, T. *Estar Vivo:* ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. – (Coleção Antropologia).

Recebido em 2019-10-23
Publicado em 2019-10-25